



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

RAIANE DA SILVA SANTOS

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA
NAS ELEIÇÕES 2018 NO JORNAL NACIONAL**

CAMPINA GRANDE

2021

RAIANE DA SILVA SANTOS

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA
NAS ELEIÇÕES 2018 NO JORNAL NACIONAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenação e Departamento do Curso de
Jornalismo da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.**

ORIENTADOR: Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo.

CAMPINA GRANDE

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237a Santos, Raiane da Silva.
Análise de conteúdo das entrevistas dos candidatos à presidência na eleições 2018 no Jornal Nacional [manuscrito] / Raiane da Silva Santos. - 2021.
31 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo, Coordenação do Curso de Jornalismo."

1. Jornalismo. 2. Entrevista política. 3. Imparcialidade de informações. 4. Eleições 2018. 5. Jornal Nacional. I. Título

21. ed. CDD 070.4

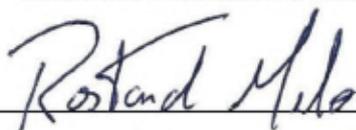
RAIANE DA SILVA SANTOS

**ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS DOS CANDIDATOS Á PRESIDÊNCIA
NAS ELEIÇÕES 2018 NO JORNAL NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo, apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Aprovada em: 30 / 09 / 2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Ingrid Farias Fechine
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Dedico este trabalho a Deus e aos meus pais. Sem eles nada seria possível.”

AGRADECIMENTOS

Com gratidão primeiramente antes de qualquer agradecimento, quero dedicar este Trabalho de Conclusão de Curso ao meu Deus, criador dos céus e da terra que me deu forças para prosseguir até o fim, sem a direção dada por ele não teria conseguido chegar até aqui. A ele toda honra, Glória e Louvor! Agradeço aos meus pais, os dois maiores incentivadores das realizações dos meus sonhos. Agradeço do fundo do coração pelo carinho, dedicação, cuidado e por todo o incentivo mesmo durante os momentos mais difíceis. Aos meus tios Josinaldo, Zineide e Joselito, ao meu avô e a minha prima Luísa que também participaram dessa trajetória. Sou grata ao meu orientador Rostand de Albuquerque Melo pela paciência durante toda a construção dessa análise. Sua motivação foi essencial para a conclusão desse artigo. Muito Obrigada!

RESUMO

Um dos temas mais discutidos no jornalismo atual é a imparcialidade no Jornalismo, tendo em vista, que é a característica mais relevante do jornalismo de qualidade, garantindo ao jornalista confiabilidade e um aval da opinião pública do seu produto notícia. Nesse contexto, temos a televisão como um dos meios mais utilizados pela população brasileira para se informar. O chamado “horário nobre” atinge o público em massa de brasileiros. Diante dessa realidade o objetivo geral deste trabalho é realizar uma discussão por meio de uma análise de conteúdo tendo como objeto de pesquisa as entrevistas com os candidatos à Presidência nas eleições 2018 no Jornal Nacional, Jair Messias Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). Contudo, a grande questão dessa análise será: A imparcialidade no Jornalismo está longe de ser obtida? Deve ser repensada? Para tanto, realizou-se a construção de um questionário como ficha de análise (disponível nos anexos) composto por 14 questões objetivas, respondidas mediante leitura audiovisual da entrevista dos candidatos à presidência. Ao elaborar a ficha foi considerado que seria melhor aplicar uma ficha para cada pergunta, como forma de comparar melhor e coletar dados mais exatos. A ficha foi criada com duas categorias baseada na classificação de tipos de entrevistas proposta por Cremilda Medina (1995) no livro "Entrevista: o diálogo possível". De acordo com os resultados da pesquisa podemos enxergar que os jornalistas Willian Bonner e Renata Vasconcelos não foram objetivos e muito menos imparciais, mas a tentativa de se afastar o máximo da imparcialidade já é um caminho para a produção de um jornalismo mais ético. Conclui-se que o conceito de objetividade no jornalismo político deve estar relacionado a capacidade de ambos os lados igualmente, mas também de garantir espaços para diferentes pontos de vista.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Entrevista. Imparcialidade.

ABSTRACT

One of the most discussed topics in journalism today is impartiality in Journalism, considering that it is the most relevant characteristic of quality journalism, guaranteeing journalists reliability and public opinion support for their news product. In this context, we have television as one of the means most used by the Brazilian population to obtain information. The so-called "prime time" reaches the mass public of Brazilians. Given this reality, the general objective of this work is to carry out a discussion through a content analysis having as research object the interviews with presidential candidates in the 2018 elections in Jornal Nacional, Jair Messias Bolsonaro (PSL) and Fernando Haddad (PT) . However, the big question of this analysis will be: Is impartiality in Journalism far from being achieved? Should it be rethought? For this purpose, a questionnaire was constructed as an analysis form (available in the annexes) consisting of 14 objective questions, answered by means of an audiovisual reading of the interview of the candidates for the presidency. When preparing the form, it was considered that it would be better to apply a form for each question, as a way to better compare and collect more accurate data. The form was created with two categories based on the classification of types of interviews proposed by Cremilda Medina (1995) in the book "Interview: the Possible Dialogue". According to the results of the research, we can see that journalists Willian Bonner and Renata Vasconcelos were not objective and even less impartial, but the attempt to move away from impartiality as much as possible is already a path to the production of a more ethical journalism. It is concluded that the concept of objectivity in political journalism must be related to the capacity of both sides equally, but also to guarantee space for different points of view.

KEYWORDS: Journalism. Interview. Impartiality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
3. METODOLOGIA	17
4. RESULTADOS DA ANÁLISE	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27
ANEXO 1 – FICHA DE ANÁLISE	29

1. INTRODUÇÃO

Um dos temas mais discutidos no jornalismo atual é a imparcialidade no Jornalismo. Dessa forma, é possível compreender que existem diferentes correntes teóricas no campo do jornalismo, que divergem em relação a esse ponto. De um lado, temos a “teoria do espelho”, que diz que o jornalismo reflete a realidade como ela é. Ela é constituída de acordo com os conceitos do Positivismo, movimento filosófico do século XIX desenvolvido pelo filósofo francês Auguste Comte. Este pensamento enxerga o jornalista como um comunicador desinteressado, que não reproduz nenhum tipo de ideologia ou opinião pessoal na reportagem, apenas conta os fatos como são da forma mais objetiva e imparcial possível (CORRÊA, 2016). A mesma pressupõe que as notícias são como são porque a realidade assim as determina, uma metáfora auto explicativa onde a imprensa funciona como espelho da realidade, apresentando um reflexo do cotidiano.

De outro lado, temos as teorias construcionistas, que se opõem a teoria do espelho e defendem a ideia de que a notícia é uma construção social, formatada pelas regras internas do campo jornalístico. É o caso da teoria do *Newsmaking* que pressupõe que as notícias são como são porque a rotina industrial de produção assim as determina. Há superabundância de fatos no cotidiano. Sem organização do trabalho jornalístico é impossível produzir notícias. De acordo Oliveira (2011) os principais teóricos desta teoria, como Halloran, Berger, Luckman, Cohen, Young, Tuchman afirmam que:

É impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os media noticiosos que devem mostrar por que as notícias ajudam a construir a própria realidade; defende a ideia que a própria linguagem não pode funcionar como comunicadora direta do significado inerente aos acontecimentos, por que a linguagem neutral é impossível; é da opinião de que os media noticiosos constroem de forma inevitável a sua representação dos acontecimentos. (OLIVEIRA, 2011).

Tendo em vista, que é a característica mais relevante do jornalismo de qualidade, garantindo ao jornalista confiabilidade e um aval da opinião pública do seu produto notícia. Sabemos que a televisão é um dos meios mais utilizados pela população

brasileira para se informar, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019), apresentam que em 96,3% dos domicílios brasileiros havia um aparelho de televisão, já a segunda edição da pesquisa *Kantar Thermometer* mostra que a audiência de TV continuou crescendo em 2020, principalmente devido à busca de informações sobre a pandemia e o maior número de pessoas em casa durante a quarentena, sendo considerado o meio mais confiável sobre informações para 79% dos entrevistados (TERRA, 2020).

O telejornal considerado mais importante do país é o Jornal Nacional, exibido pela Rede Globo de Televisão, indo ao ar no horário de maior audiência da TV de acordo com dados do Ibope (2021). O chamado “horário nobre” atinge o público em massa de brasileiros. Diante dessa realidade o objetivo geral deste trabalho, é realizar uma discussão por meio de uma análise de conteúdo tendo como objeto de pesquisa as entrevistas com os candidatos à Presidência nas eleições 2018 no Jornal Nacional, Jair Messias Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT).

Com o início da campanha eleitoral, o Jornal Nacional iniciou uma série de entrevistas ao vivo com os principais candidatos à presidência do país. A ordem das entrevistas foi determinada por sorteio, e cada candidato teve 27 minutos para responder sobre “os temas que marcaram cada uma das candidaturas, assuntos polêmicos e a viabilidade de alguns pontos dos programas de governo”, segundo anunciaram os apresentadores do programa na abertura da entrevista. De 27 a 30 de agosto, os apresentadores William Bonner e Renata Vasconcellos entrevistaram, respectivamente, os candidatos Ciro Gomes (PDT), Jair Bolsonaro (PSL), Geraldo Alckmin (PSDB) e Marina Silva (Rede). Após se tornar o candidato do PT à presidência, no dia 11 de setembro, Fernando Haddad foi o quinto entrevistado pelo programa, no dia 14 de setembro.

Perpassando por questões centrais, tais como: quais os atuais desafios do jornalismo político? A imparcialidade no jornalismo pode fazer parte de uma visão mais ampla, para além da influência política? Os jornalistas contribuem para a construção da realidade? Nesse contexto, Vizeu (2007) relata que se a notícia televisiva contribui para a construção da realidade social, é possível se afirmar que a informação noticiosa é uma

forma de conhecimento, propondo que o telejornalismo é um lugar de referência para homens e mulheres: o conhecimento do telejornalismo, afirmando, desse modo, que não há notícia sem conhecimento.

Realizou-se a construção de um questionário como ficha de análise (disponível nos anexos) composto por 14 questões objetivas, respondidas mediante leitura audiovisual da entrevista dos candidatos à presidência no segundo turno nas eleições de 2018. A entrevista realizada com o candidato Fernando Haddad durou 06 minutos e 18 segundos, e a mesma realizada com Jair Bolsonaro teve duração de 06 minutos e 43 segundos. Ao elaborar a ficha foi considerado que seria melhor aplicar uma ficha para cada pergunta, como forma de comparar melhor e coletar dados mais exatos. A ficha foi criada com duas categorias baseada na classificação de tipos de entrevistas proposta por Cremilda Medina (1995) no livro "Entrevista: o diálogo possível".

A Rede Globo vem tomando essa postura nas coberturas eleitorais desde o ano de 2006, Neves (2009) declara que a Rede Globo divulgou nesse ano menos pesquisas eleitorais que em 2002, fechou contrato com as empresas de pesquisa Datafolha, do Grupo Folha de S. Paulo, e Ibope. De abril até o final do segundo turno, o noticiário divulgou 33 resultados sobre a eleição presidencial. Mas na sua linha editorial atuou de forma a influenciar diretamente no resultado eleitoral.

Especificamente nas entrevistas do Jornal Nacional, que sempre deram muita audiência de acordo com dados do Ibope (2020), o jornal registrou no Painel Nacional da Televisão (PNT), que considera as 15 praças com medição de audiência, o total de 30 pontos no ano de 2020, a maior pontuação desde 15 de setembro de 2020. Essa ocorrência pode se dar pelo fato de a Globo ser uma das maiores emissoras do país, do jornal fazer parte de um horário extremamente nobre, e de ser o dia em que os candidatos à presidência serão entrevistados no Jornal Nacional.

Essa postura de confronto e situações delicadas que a entrevista propõe ganham atenção do público, os telespectadores gostam disto. Neves (2008, p.222) assinala que a forma como se exibem as notícias pelo Jornal Nacional, maior telejornal da Rede e o de maior audiência do país, "é um termômetro de como estão as relações entre mídia e governo no jornalismo brasileiro".

Quem assistiu as entrevistas conseguiu perceber algumas situações interessantes, isso porque uma entrevista possui um protagonista e este protagonista é o entrevistado. Nesse caso, percebemos que basicamente houve um possível confronto entre as partes compostas por três protagonistas, sendo eles William Bonner, Renata Vasconcellos (os jornalistas que guiaram a entrevista) e os candidatos convidados. Contudo, a grande questão dessa análise será: A imparcialidade no Jornalismo está longe de ser obtida? Deve ser repensada?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O dicionário Aurélio (1999) apresenta imparcialidade como qualidade da pessoa que julga com neutralidade e justiça; característica de quem não toma partido numa situação. Essa é questão central no que diz respeito às pautas de discussão jornalísticas pela necessidade do jornalista de permitir o equilíbrio de opiniões dentro da informação passada, partindo para a neutralidade e objetividade dessa informação.

Imparcialidade e objetividade são termos recorrentes no jornalismo. Comumente os jornais utilizam esses termos para afirmar que em seus trabalhos eles trazem a realidade tal como ela, ou seja, que não há nenhuma interferência política, social, editorial e/ou qualquer outra em seus produtos, no caso, as notícias (VITTORAZZI, 2019).

Não obstante a qualidade da notícia estar associada principalmente ao conceito de imparcialidade e esta relação está disseminada também no meio jornalístico, os reforços de empresas de comunicação, como o normativo “Princípios Editoriais das Organizações Globo”¹, reforçam a possibilidade de apreensão da realidade fazendo uso de técnicas jornalísticas (ROSSI e RAMIRES, 2012).

É de extrema importância compreender o que se entende sobre uma mensagem proferida por um personagem, como ela se constitui e quando ela é anunciada ou escrita.

¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>>.

A linguagem como produção social e possibilidade ampla de agir sobre o outro agrega questão ideológica que se faz fortemente presente nas estruturas sociais.

Nesse contexto, Borba (2007) considera que a entrevista, enquanto instrumento de coleta de informação, deve ser compreendida como uma conversa (diálogo) com o intuito de obter e registrar declarações de fontes, ou conseguir informação necessária à produção de texto sobre determinado assunto. A entrevista do campo jornalístico tende a recolher fatos propriamente ditos, com um fim de proporcionar informação à população, ela pode ser do tipo oral onde ocorre a coleta das informações e resultante, na forma de entrevista de jornal proposta de análise deste estudo. Borba (2007) afirma que no caso da entrevista de jornal, é preciso considerar, além desse processo envolvendo um gênero oral anterior, que se trata de um texto limitado por um espaço físico e variável no jornal, feito a várias mãos e aglutinador de diversas vozes que são filtradas e ajustadas no ato da edição.

O quadro 1 descreve a classificação, proposta por Borba (2007), das entrevistas de jornal de seis análises diferentes e suas características.

Quadro 1. Classificação das entrevistas de Jornal

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICA
Quanto à origem	Entrevista de rotina e caracterizadas;
Quanto ao estilo	Entrevista pergunta-resposta e em discurso indireto;
Quanto aos entrevistados	Individuais e em grupo;
Quanto aos entrevistadores	Coletiva e pessoal ou exclusiva;
Quanto ao tipo	Entrevista de personalidade, de declarações, mista, inquérito e mesa-redonda;
Quanto ao tamanho	Entrevistas curtas e Grandes entrevistas.

Fonte: Borba (2007), adaptado pela autora.

Com base no quadro 1, ao estudar a análise das entrevistas dos candidatos à presidência do Brasil nas eleições de 2018, é possível inferir que quanto à origem ela é uma entrevista “caracterizada”, quanto ao estilo apresenta o formato “pergunta-resposta” em sua maior parte, quanto aos entrevistados individuais, quanto ao tipo “mista” e ao tamanho “curta”. O sujeito (os jornalistas) e sua mensagem devem ser percebidos a partir de um viés contextual e ideológico.

Neste artigo, trabalhamos dentro do modelo teórico-metodológico da análise de conteúdo como é tratada a questão do autor (enunciador), daquele que assume a autoria a responsabilidade sobre o discurso, neste caso os jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos que conduziram as entrevistas do Jornal Nacional dos candidatos, tendo em vista, que ao decorrer dos anos os meios de comunicação se tornaram uma ferramenta importante no processo de mediação entre a sociedade e a política.

De acordo com Rossi e Ramires (2012) o jornalismo, a partir do século XIX, notou a necessidade de distribuição da notícia para alimentar os mais diferentes mercados: político, econômico e social, mas também que tivesse alcance geográfico mais extenso. Foi preciso criar conceitos que tratassem as notícias veiculadas até aquele momento em jornais partidários, e, portanto, explicitamente parciais, como se elas pudessem obedecer a uma lógica de neutralidade e assim penetrar nas mais diversas esferas da sociedade.

Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu, o mundo das representações é "um campo de manifestação de lutas sociais e de um jogo de poder" (BOURDIEU apud PESAVENTO, 1995; p. 18). Desse modo, o poder simbólico se configura na transformação de outros formatos de poder, demonstrando que a autonomia de um campo de atuação é alcançada por meio de uma estrutura hegemônica de um discurso desenvolvido de forma especializada.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989, p. 14).

O sentido de proferir uma mensagem é sempre dado por informações que estão ocultas nas entrelinhas, sendo necessária a relação entre o contexto social, econômico e

político para entendê-la. A partir do momento em que os jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos entram no estúdio de gravação e se colocam atrás da bancada do Jornal Nacional, seus interesses e ideologias devem, em tese, ficar de lado, garantindo assim a imparcialidade do jornalismo que gera confiança para a população com um discurso institucional e não pessoal representando os valores do campo jornalístico e do veículo de comunicação que eles representam, sendo assim, eles não são apenas William e Renata, eles agora são os jornalistas apresentadores do telejornal que está sendo transmitido em horário nobre com milhões de espectadores assistindo e que estão ali para a representação da opinião pública.

Os meios de comunicação devem ser imparciais porque constroem o todo incorporando as diferentes partes. De acordo com Traquina (2006) “os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade”. (TRAQUINA, 2006, p.26). A mídia age como um ator político interagindo com diversos outros atores sociais na construção da comunicação política. Desde que o jornalismo passou a ser exercido em um ambiente democrático ele é usado por grandes empresários e políticos para manipular grande parte da população de acordo com seus interesses, que seria manter a sociedade a seu favor.

Para Martino e Marques (2020, p.66), uma aproximação inicial do conceito permite observar a recorrência de algumas palavras: “opinião” e “público”, “influência” e “formação” caminham próximas, permitindo entrever alguma ligação entre elas. Lippmann (2009) reserva à mídia um lugar centralizador na formação das opiniões a partir dos conceitos criados nas pessoas expostas a mensagem que é passada. O autor apresenta a mídia como um fator relevante na “formação” da opinião pública. Em seu livro *Opinião Pública* (2009) Lippmann apresenta o conceito a partir de um aspecto ligado a mídia, em que ocorre a redução da autonomia da opinião pública frente aos meios de comunicação, o que reverbera diretamente nos efeitos da mídia nas posições políticas, sendo uma das áreas centrais de comunicação política.

O jornalista, em tese, conta os fatos como eles são de maneira imparcial, sem interesses que os desviam de sua missão de informar. Mas, na prática, não é bem assim que acontece em um contexto em que a objetividade característica e importante no

jornalismo fica de lado. A imparcialidade já começa na apuração de um fato, já que o jornalista escolhe a fonte que ele acredita ser a melhor, os ângulos que ele acha serem os mais apropriados e a pauta que ele imagina interessar mais ao público. Mas, isso não deve servir como justificativa para que a imparcialidade não seja buscada, pois é papel do jornalista almejá-la dando voz para todos os lados com diferentes ângulos, sejam com opiniões de especialistas, índices, dados estatísticos, e personagens envolvidos para que possamos entender e divulgar a notícia com propriedade. É indiscutível que a função do jornalista durante a cobertura de um caso é relatar um acontecimento sem deixar transparecer qualquer tipo de ideologia que possa comprometer a objetividade da reportagem.

O jornalismo comercial sempre tem que agradar públicos e depende da audiência desses públicos para subsistir, sendo eles o público-alvo, os consumidores do seu conteúdo. A notícia é tratada como um produto à venda (MEDINA, 1988) no mercado de informação, trazendo fatos da realidade para que as pessoas possam entender o que está acontecendo, interpretar e a partir daí emitir um juízo de valor. É claro que o jornalismo sabe de alguma forma que o público tem gostos e alguns desses gostos não dependem da manipulação da mídia.

De acordo com Vizeu (2004) os jornalistas constroem antecipadamente a audiência a partir da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens para, no trabalho da enunciação, produzirem discursos. Desse modo, as operações e construções propostas indicam que a audiência é presumida no próprio processo de enunciação jornalística, ou seja, o outro, que compõe a cadeia interativa da atividade jornalística, não é só um personagem revestido de certas marcas de indicadores sociais, mas alguém construído na própria produção imaginária dos organizadores e enunciadorees do discurso.

Vivemos em um mundo em que todo o conhecimento está vinculado a uma dinâmica de poder e de inter-relações na sociedade. A propaganda política via televisão é um dos exemplos mais claros de como a ética na comunicação, ou sua ausência, pode influenciar a produção da mensagem, caracterizando-a como proselitismo aceitável ou

como manipulação mentirosa e desavergonhada. O jornalista/ comunicador a serviço de um candidato ou partido, em geral, é levado a abandonar quaisquer considerações éticas com vistas à eficácia do poder persuasivo de sua mensagem (BELLONI, 2009).

A espetacularização da política, entendida como a *mise en scène* deliberada do jogo político, transforma profundamente as bases do processo político, pondo em questão o princípio da representação. Ao aparente exagero na "publicidade" das coisas públicas, publicação de "focofocas" impúblicas sobre a vida privada dos homens públicos, por exemplo - corresponde segundo alguns analistas a condução secreta da política real (DEBORD, 1988).

Entender de onde surgem as notícias, os discursos, a criação de saber, ou seja, o que a gente tem que ter bem claro é: qual grupo social tem interesse em estar construindo um tipo de saber e quais são os interesses em torno de uma determinada afirmação dita nesse caso nas entrevistas com os candidatos à presidência.

Entender a repercussão de uma determinada afirmação dita por um jornalista e as consequências dessa afirmação na implementação social dessa fala, se o jornalista for por exemplo a favor de algo se isso é implementado isso gera benefícios para quem? Para qual público?

Projetar a aplicabilidade de certas ideias podem deixar para o público mais claro aquilo que são os interesses que estão sendo veiculados nos discursos dos apresentadores de um telejornal, o que em si não quer dizer que os interesses sejam ruins eles podem ser bons, podem prejudicar a uns e favorecer a outros e vice-versa, o que não quer dizer tão pouco que não exista verdade. Existe verdade, a construção da verdade que é múltipla, a verdade é uma construção discursiva claramente a partir desse raciocínio, mas não quer dizer que ela não exista, ou seja, a verdade não está indiferente aos grupos sociais pois são os próprios grupos sociais que a produzem.

3. RESULTADOS DA ANÁLISE

A primeira entrevista foi iniciada pela entrevistadora jornalista Renata Vasconcelos que parabenizou o candidato Fernando Haddad pela chegada ao segundo turno das

eleições e abriu para que o mesmo realizasse saudações ao público em um tempo cronometrado de 2 minutos com tolerância de 15 segundos, onde o candidato do PT enfatizando seus 20 dias de campanha e 29% das intenções de voto com 30 milhões de brasileiros. Posteriormente, foi dado início às perguntas ao candidato que foi questionado por algumas de suas propostas para a campanha, dentre elas a reforma constitucional, o mesmo enfatiza a primazia da democracia em seu governo e descreve cada reforma proposta. Após isso, foram dados 30 segundos para o candidato se despedir, onde o mesmo faz um apelo aos eleitores para as últimas três semanas, antecedentes ao dia das eleições.

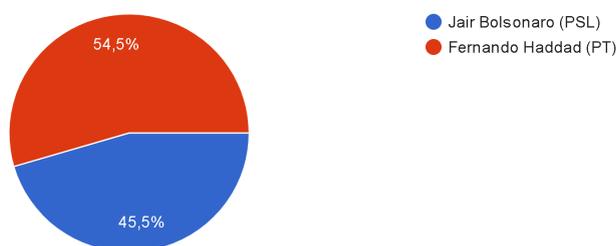
A segunda entrevista foi iniciada pelo entrevistador jornalista William Bonner que parabenizou o candidato Jair Messias Bolsonaro pela chegada ao segundo turno das eleições e abriu para que o mesmo realizasse saudações ao público em um tempo cronometrado de 2 minutos com tolerância de 15 segundos, seguindo o mesmo padrão da entrevista anterior com o candidato do PT. Em suas saudações o candidato enfatizou o texto bíblico de João 8:32 “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” como guia para a sua campanha, direcionando seu agradecimento para públicos específicos. Também questionado sobre a proposta da reforma constitucional, o candidato afirmou que não pode ir além da constituição e que acredita no voto popular. Em seus 30 segundos finais deu ênfase a pacificação do povo brasileiro e a união dos grupos pela bandeira verde e amarela.

Considerando as duas entrevistas que ocorreram nessa ordem respeitando a ordem alfabética dos candidatos, foi realizada a análise por meio da ficha elaborada pelo autor (anexo I) apresentando os resultados a seguir.

Em relação à quantidade de perguntas feitas para cada candidato, identificamos relativo equilíbrio, tendo em vista a preocupação do telejornal em manter o mesmo tempo de participação para ambos os candidatos. Sobre o candidato obteve-se o resultado de 54,5% para Fernando Haddad e 45,5% para Jair Messias Bolsonaro, como descrito na figura a seguir.

Figura 1. Candidato

Candidato
11 respostas



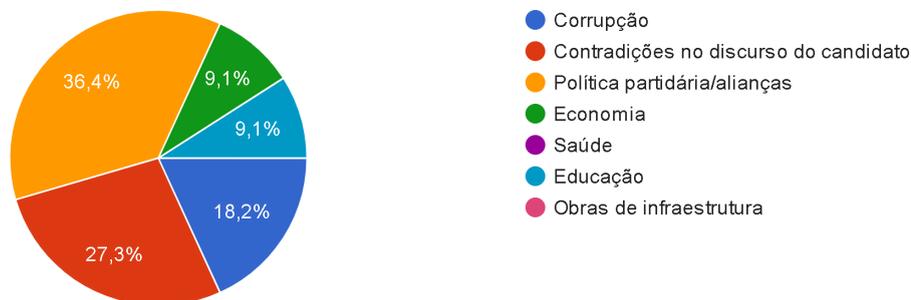
Fonte: Elaborado pela autora (2021)

Com relação ao tema central das perguntas, (figura 2) realizadas temos 36,4% sobre política partidárias e alianças políticas, 27,3% sobre contradições no discurso do candidato, 18,2% sobre corrupção, 9,1% referente a educação e 9,1% sobre economia, não sendo realizada nenhuma pergunta nas temáticas de saúde e obras de infraestrutura. Consideramos que esses dados são os mais relevantes da pesquisa, no sentido de estimularem o debate sobre os interesses presentes na construção da pauta das entrevistas. Apenas 18,2% do material analisado referia-se às propostas de governo e gestão, com foco específico em duas áreas: economia e educação. As polêmicas ocupam a maior porção do tempo e também das perguntas, com mais de um quarto das entrevistas dedicadas a expor os candidatos às suas próprias contradições, reforçando a hipótese da construção das entrevistas do JN como espaço de “teste” e “prova” para os candidatos. Se somarmos os índices de perguntas referentes às contradições e as perguntas sobre escândalos de corrupção, teremos um índice de 45,5%, representando praticamente metade da entrevista dedicada a temas “incômodos”.

Figura 2. Tema Central da Pergunta

Tema central da pergunta

11 respostas



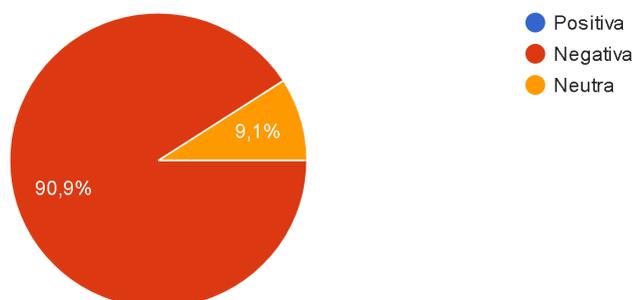
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Considerando a positividade ou negatividade da pergunta em relação ao candidato tem-se 90,9% negativa e 9,1% neutra, não havendo dados de respostas positivas como exposto na figura 3. Trata-se de mais um dado que reforça a hipótese de que as entrevistas com os presidentiáveis no JN são concebidas para funcionar em um formato mais próximo de um “interrogatório” do que de uma “conversa” ou “diálogo”, como propõe Medina (1995).

Figura 3. Resposta positiva ou negativa

Em relação ao candidato, a pergunta pode ser considerada positiva ou negativa?

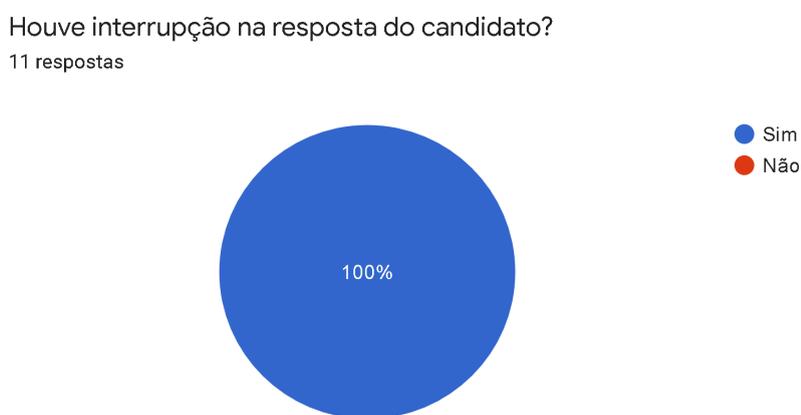
11 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2020)

Em 100% das perguntas (Figura 4) houve interrupção na resposta dos candidatos. Esse dado indica o tipo de postura adotado na condução das entrevistas, em que os apresentadores performam uma representação da opinião pública, apresentando-se como o poder de confrontar a “verdade dos fatos”, conforme a ideia de imparcialidade, com os discursos dos candidatos. Os jornalistas apresentam-se com o poder de inquirir e corrigir, sempre controlando de perto os rumos das entrevistas e redirecionando-as sempre quando os entrevistados saem do script e divergem das ideias apresentadas na formulação das perguntas.

Figura 4. Interrupção na resposta do candidato



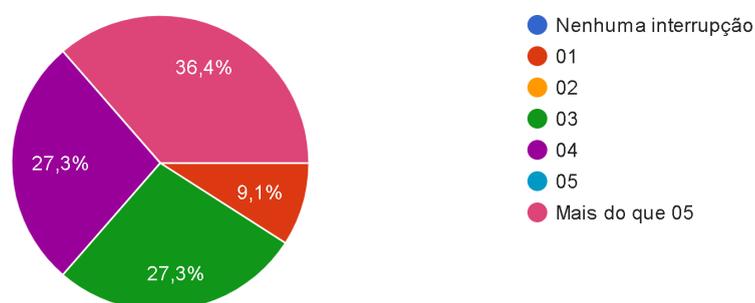
Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Entendendo que os candidatos foram interrompidos em todas as perguntas, a figura 6 descreve quantas interrupções foram registradas em cada pergunta. Os dados apontam que os candidatos foram interrompidos 36,4% “mais de cinco vezes”, 27,3% para “3 ou 4 interrupções” e 9,1% para “apenas 1 interrupção”. O candidato Fernando Haddad foi interrompido 46 vezes e Jair Bolsonaro 47 vezes.

Figura 5. Quantidade de Interrupções registradas

Quantas interrupções foram registradas durante a resposta do candidato?

11 respostas



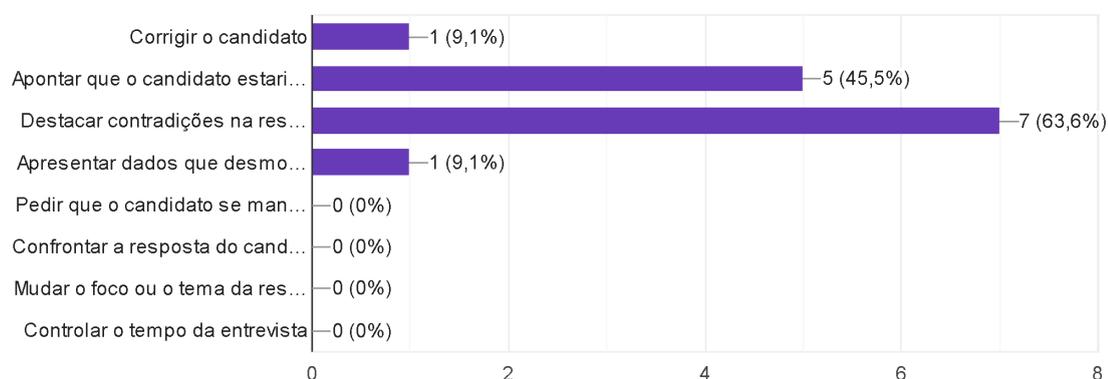
Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Os principais motivos para interrupção dos candidatos apresentados na figura 7 foram 63,6% para destacar contradições em suas respostas, 45,5% para apontar que o candidato estaria mentindo, 9,1% para corrigir o candidato e 9,1% apresentar dados que desmontam a argumentação do candidato na resposta. Mais um dado que reforça o formato de “interrogatório” da entrevista do JN e a constante situação de desconforto gerada nos entrevistados. Consideramos que a recorrência destas estratégias pode indicar a intencionalidade em construir e manter esse tipo de comportamento.

Figura 6. Motivo da Interrupção

Qual o motivo central da interrupção?

11 respostas



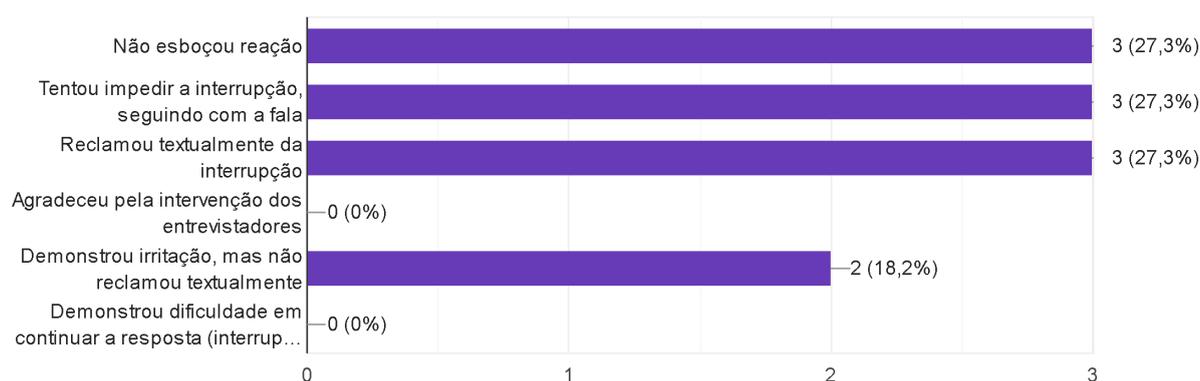
Fonte: Elaborado pela autora (2020)

A figura 8 descreve as reações dos candidatos ao serem interrompidos em suas respostas obtendo os mesmos valores de 27,3% para “não esboçou reação”, “tentou impedir a interrupção, seguindo com a fala”, e “reclamou textualmente da interrupção”, 18,2% “demonstrou irritação, mas não reclamou textualmente”.

Figura 7. Reação do candidato ao ser interrompido em suas respostas

Reação do candidato ao ser interrompido nas respostas

11 respostas



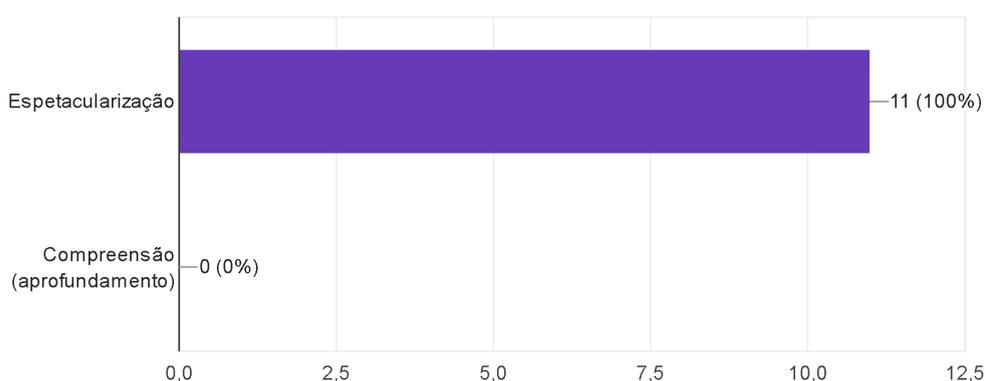
Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Relacionado a postura dos apresentadores na condução da entrevista dos candidatos na figura 9, utilizando a proposta de Medina (2011), onde as 11 perguntas realizadas obtiveram 100% de espetacularização.

Consideramos que esse dado dialoga com os números que tratam da postura dos entrevistadores e da recorrência nas interrupções, tendo em vista que esse modelo de condução reforça o confronto e a polêmica, não permitindo que o entrevistado consiga dar continuidade à linha de raciocínio das respostas e não consiga aprofundar os assuntos, ficando retido nos aspectos mais espetaculares e dramáticos. A ênfase na espetacularização relaciona-se com as características da linguagem televisiva e demonstra a estratégia de apresentar a entrevista não apenas como fonte de informação, mas também como forma de entretenimento. O índice de 100% reforça a hipótese da intencionalidade do telejornal em impor esse formato aos candidatos participantes.

Figura 8. Postura dos apresentadores

Relacionando a postura dos apresentadores na condução da entrevista com a classificação proposta por Medina (2011), qual o objetivo da pergunta?
11 respostas



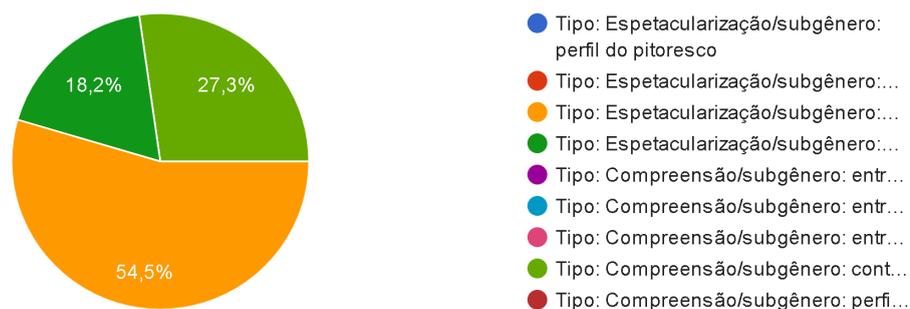
Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Considerando a classificação de Medina (2011) 54,5% da entrevista foi do tipo “Espetacularização/subgênero: perfil de condenação”, 27,3% do tipo “Compreensão/subgênero: confrontação-polemização” e 18,2% do tipo “Espetacularização/subgênero: perfil da ironia "intelectualizada”.

Figura 10. Tipo de Entrevista

A partir da a classificação proposta por Medina (2011), qual o tipo de entrevista expresso nessa pergunta?

11 respostas



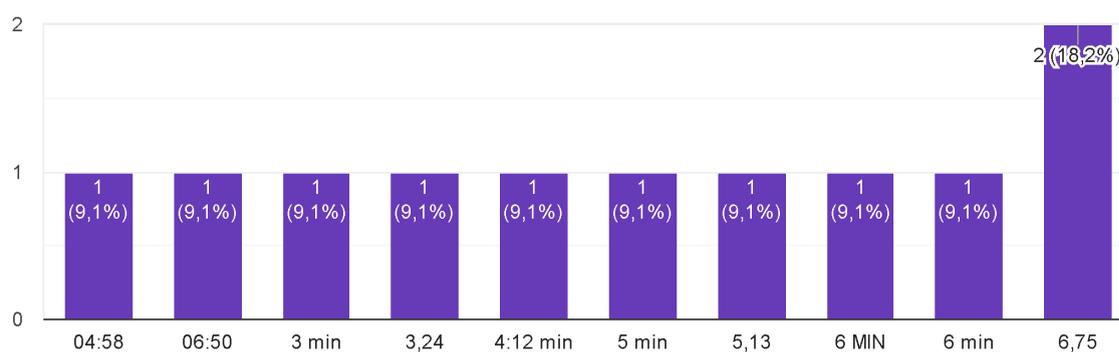
Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

O tempo total de resposta das perguntas expostas na figura 11 estão de 9,1% para 1 pergunta em nove momentos e 18,2 para duas perguntas em um momento.

Figura 11. Tempo Total de Resposta

Tempo total da resposta

11 respostas



Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltamos à grande questão desse presente trabalho: “A imparcialidade no Jornalismo está longe de ser obtida? Diante dos dados obtidos nessa análise podemos perceber, de fato, que no jornalismo está longe de existir imparcialidade, porque ele depende do público e conseqüentemente quer agradá-lo.

É indiscutível que a função do jornalismo durante a cobertura de um caso seja relatar o acontecimento sem deixar transparecer qualquer tipo de ideologia que possa comprometer a objetividade da reportagem nesse caso de uma entrevista.

De acordo com os resultados da pesquisa podemos enxergar que os jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos não foram objetivos e muito menos imparciais, mas a tentativa de se afastar o máximo da imparcialidade já é um caminho para a produção de um jornalismo mais ético. De modo geral, a imparcialidade no jornalismo é difícil de ser alcançada. A partir do momento que os entrevistadores começaram a formular as perguntas, eles já passaram a ser um filtro, interpretando com seu olhar e isso por si só já começa a tirar a imparcialidade dos fatos contidos em cada pergunta.

Então o que o jornalista precisa fazer? Ele precisa ficar tranquilo, calmo e em paz com sua consciência e procurar de uma maneira geral ser o mais neutro possível mesmo que isso seja difícil. Pois o jornalismo não está se limitando mais a dizer o que aconteceu, quais as conseqüências, o Porquê? Quando? Onde? Como? Ele já colhe a informação com intuito de difamar a imagem de determinado personagem ou partido político e isso não é construtivo para a sociedade.

Todas essas entrevistas têm algo em comum: O esforço do telejornal não era de explorar as propostas dos candidatos e não era saber como eles governariam caso fossem eleitos. O esforço do Jornal Nacional era para mostrar os defeitos de cada candidatura e isso vale para cada uma das entrevistas analisadas nesta presente pesquisa. Fazendo isso, o jornal e a emissora tentam afastar qualquer suspeita de que sejam parciais e de que estejam tomando um lado e defendendo um dos candidatos aqui citados. Esse é o jeito do JN mostrar objetividade, por meio de uma performance de enfrentamento. Pode-se concluir que o conceito de objetividade no jornalismo político

deve estar relacionado a capacidade de ambos os lados igualmente, mas também de garantir espaços para diferentes pontos de vista.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. A espetacularização da política e a educação para a cidadania. **Perspectiva**, Florianópolis, n. 24, p. 33-39, 2009.

BORBA, Marcelo Silvano. **A ENTREVISTA JORNALÍSTICA: UMA ANÁLISE DO GÊNERO A PARTIR DE EXEMPLARES PUBLICADOS NO JORNAL ZERO HORA**. 2007. 104 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2007.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CORREA, Paulo Metling. O reflexo da Teoria do Espelho na prática jornalística. **Anais do Evinci - Unibrasil**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 1, 2016.

G. DEBORD, *Commentaires sur la Société du Spectacle*. Paris, Ed. Gérard Lebovici, 1988.

IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019. 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

IBOPE. Audiência do horário nobre. 2021. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/audiencia-do-horario-nobre-15-mercados-12-04-a-18-04-2021/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

LIPPMANN, Walter. Opinião Pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARTINO, Luis Mauro Sá; MARQUES, Angela Cristina Salgueiro. O conceito de opinião pública na teoria da comunicação: genealogias e modos de abordagem. **Organicom**, [S.L.], v. 17, n. 33, p. 62-79, 21 dez. 2020. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2020.170189>.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Notícia - Um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. A PRODUÇÃO DA IMPARCIALIDADE: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 59-75, 2010.

NEVES, Flora. **TELEJORNALISMO E PODER NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS**. São Paulo: Summus Editorial, 2009. 232 p. Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo.

OLIVEIRA, Ben. **TEORIAS DO JORNALISMO: NEWSMAKING**. 2011. Disponível em: <http://www.benoliveira.com/2011/07/teorias-do-jornalismo-newsmaking.html>. Acesso em: 22 maio 2021.

ROSSI, Michelle; RAMIRES, Mário Marques. A Imparcialidade como Conceito de Qualidade Jornalística. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Campo Grande, p. 1-7, 2012.

TERRA, Thiago. **TV segue como principal meio de comunicação do Brasil, diz pesquisa**. 2020. Disponível em: <https://www.mundodomarketing.com.br/ultimas-noticias/38609/tv-segue-como-principal-m-eio-de-comunicacao-do-brasil-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 28 abr. 2021.

VITTORAZZ, Davi Jaivona *et al.* Imparcialidade no Jornalismo: análise de discurso em jornais de Mato Grosso. **Sbpjor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**, Mato Grosso, p. 1-16, 2019.

Vizeu Pereira Junior, Alfredo & Correia, João. (2007). A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/Jo_o_Carlos_Correia_e_Alfrrdo_Vizeu_A_constru_o_do_real_no_telejornalismo_in_Vizeu_A_Sociedade_do_Telejornalismo-libre.pdf. Acesso em: 28 abr. 2021.

VIZEU, Alfredo. Considerações sobre audiência presumida. **Observatório da Imprensa**. Pernambuco, p. 1519-7670. 02 mar. 2004. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/consideracoes-sobre-audiencia-presumida/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ANEXO 1 – FICHA DE ANÁLISE

Ficha de análise de conteúdo para pesquisa sobre as entrevistas do Jornal Nacional com os candidatos à Presidência da República nas eleições de 2018.

Obs: aplicar a ficha de análise para cada pergunta, individualmente.

Data da entrevista *

DD/MM/AAAA

Momento da campanha *

1º turno

2º turno

Candidato *

Jair Bolsonaro (PSL)

Fernando Haddad (PT)

Pergunta *

Transcrição da pergunta, tal como foi feita pelos entrevistadores.

(Sua resposta)

Tema central da pergunta *

- Corrupção
- Contradições no discurso do candidato
- Política partidária/alianças
- Economia
- Saúde
- Educação
- Obras de infraestrutura

Em relação ao candidato, a pergunta pode ser considerada positiva ou negativa? *

- Positiva
- Negativa
- Neutra

Houve interrupção na resposta do candidato? *

- Sim
- Não

Quantas interrupções foram registradas durante a resposta do candidato? *

Nenhuma interrupção

- 01
- 02
- 03
- 04
- 05
- Mais do que 05

Qual o motivo central da interrupção? *

- Nesse quesito é permitido marcar mais de uma opção
- Corrigir o candidato
- Apontar que o candidato estaria mentindo
- Destacar contradições na resposta do candidato
- Apresentar dados que desmontam a argumentação do candidato na resposta
- Pedir que o candidato se mantenha no tema central da pergunta
- Confrontar a resposta do candidato com falas de outros candidatos
- Mudar o foco ou o tema da resposta
- Controlar o tempo da entrevista

Outro:

Transcrição das interrupções *

Transcrição das interrupções, tal como foram feitas pelos entrevistadores. Se tiver ocorrido mais de uma interrupção, enumerar ao transcrever.

Sua resposta

Reação do candidato ao ser interrompido nas respostas *

- Não esboçou reação
- Tentou impedir a interrupção, seguindo com a fala
- Reclamou textualmente da interrupção
- Agradeceu pela intervenção dos entrevistadores
- Demonstrou irritação, mas não reclamou textualmente
- Demonstrou dificuldade em continuar a resposta (interrupção atrapalhou)

Outro:

Transcrição da reclamação do candidato (caso tenha ocorrido) *

Transcrição das reclamações, tal como foram feitas pelos entrevistadores. Se tiver ocorrido mais de uma reclamação, enumerar ao transcrever.

Sua resposta

Relacionando a postura dos apresentadores na condução da entrevista com a classificação proposta por Medina (2011), qual o objetivo da pergunta? *

- Espetacularização
- Compreensão (aprofundamento)

A partir da a classificação proposta por Medina (2011), qual o tipo de entrevista expresso nessa pergunta? *

- Tipo: Espetacularização/subgênero: perfil do pitoresco
- Tipo: Espetacularização/subgênero: perfil do inusitado
- Tipo: Espetacularização/subgênero: perfil da condenação
- Tipo: Espetacularização/subgênero: perfil da ironia "intelectualizada"
- Tipo: Compreensão/subgênero: entrevista conceitual
- Tipo: Compreensão/subgênero: entrevista enquete
- Tipo: Compreensão/subgênero: entrevista investigativa
- Tipo: Compreensão/subgênero: confrontação-polemização
- Tipo: Compreensão/subgênero: perfil humanizado

Tempo total da resposta *

Tempo total desde o início da elaboração da pergunta pelos entrevistadores até o encerramento da resposta, incluindo as interrupções.